

FORTALEZA SOMBRIA:

O cotidiano nos abarracamentos durante a seca (1877-1880)

Ana Karine M. Garcia, Frederico de Castro Neves (Departamento de História –UFC)

I – INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, em Fortaleza, capital do Ceará, foram realizadas intensas reformas urbanas e sociais. Tais padrões seguiam os modelos de civilização e progresso disseminados pelas metrópoles européias.

Mas, com o início da seca de 1877, essa situação iria mudar. De 1877 a 1880, no Ceará, um grande número de retirantes deixaram suas casas em busca de auxílios para sua sobrevivência na cidade de Fortaleza, afetando e transformando a vida dos habitantes da capital. Os pontos centrais, como ruas e praças, foram invadidos por uma população faminta, que procurava utilizar-se do espaço público como uma forma de abrigo e como um local de suprir suas necessidades alimentares através da caridade da população local.

De início, ao entrarem na cidade, os retirantes procuraram se alojar embaixo de árvores e em palhoças espalhadas nas praças e ruas da capital. Percebendo a gravidade da situação, o Governo da Província mandou que fossem construídos abarracamentos na tentativa de manter os retirantes afastados da parte central da cidade.

Os abarracamentos eram alojamentos construídos para abrigar os retirantes, serviam como locais de distribuição de alimentos, roupas e outros recursos necessários ao auxílio aos flagelados da seca. Segundo Rodolfo Teófilo (1922), a cidade foi dividida, inicialmente, em dois distritos, que eram constituídos por quatro abarracamentos: Pajehú, São Luiz, Jacarecanga e São Sebastião. Em 1879, houve uma expansão para 11 distritos! **1**

É importante lembrar que as estruturas desses abarracamentos eram muito precárias, principalmente no que diz respeito à higiene, uma das causas da disseminação de doenças, como a varíola e outras, que trouxeram uma situação de grave calamidade tanto para os retirantes, como para os habitantes da capital.

Assim, o presente trabalho tem a intenção de procurar entender a lógica nas construções e estruturações desses abarracamentos dentro da cidade, analisar o cotidiano da população retirante nesses locais e sua relação com a população urbana de Fortaleza.

II - AS ESTRUTURAS FÍSICAS DOS ABARRACAMENTOS

Os abarracamentos surgiram da necessidade de abrigar os retirantes e suprir suas principais necessidades e, segundo Rodolfo Teófilo, foram construídos, de início, a partir da organização e localização dos próprios retirantes. Segundo ele, isso havia sido um erro, pois os abrigos foram construídos em terrenos a barlavento, uma das causas das futuras transmissões de doenças, já que se acreditava que eram transmitidas pelo ar.

“O Presidente da Província, reconhecendo a urgente necessidade de construir alojamentos para os retirantes (...), ordenou que se levantassem palhoças. Este trabalho era feito mesmo por eles (...).” **2**

Devemos observar que a escolha dos locais não se fez de forma aleatória; tiveram uma intenção pré-estabelecida, pois os quatro primeiros abarracamentos foram construídos fora do perímetro central da cidade e estavam localizados nas áreas principais de aglomeração dos retirantes. Assim, essa organização inicial cumpriu uma das finalidades do governo para a construção desses abrigos, que era de controlar e manter os retirantes fora do convívio com a população local.

Rodolfo Teófilo, em sua obra, informa que os retirantes foram divididos em turmas e, dentro de cada distrito, foram criados cargos remunerados, como os comissários, administradores, encarregados de escrituração, que eram escolhidos pelo Presidente da Província, e os chefes de turmas que eram escolhidos entre os próprios retirantes, de forma “voluntária”.

Os retirantes, ao entrarem nos abarracamentos, eram organizados em duas listas: uma com os indivíduos que foram alistados como trabalhadores e outra com as famílias sem chefe, mulheres solteiras, viúvas e meninos órfãos, para que pudessem servir de base no momento da distribuição dos socorros. Os alimentos eram entregues, sempre, dentro dos abarracamentos.

III - O CONTROLE SOCIAL E O DISCIPLINAMENTO DOS RETIRANTES NO TRABALHO

Fortaleza, naquele período, passava por um processo de transformação e modernização; as ruas e os subúrbios foram sendo estruturados a partir da nova planta da cidade elaborada por Adolfo Hebbster em 1875, que, além de servir ao processo modernizador, também possuía o caráter disciplinador da população. Assim, umas das formas encontradas pelo governo para auxiliar os retirantes e também fazer com que as obras públicas continuassem foi utilizar essa população nesses trabalhos, atendendo as duas necessidades.

Dos abarracamentos os retirantes que chegavam à cidade eram levados a esses locais e recebiam rações, roupas, medicamento etc, para a satisfação de suas necessidades imediatas. Mas, para que continuassem recebendo os auxílios, teriam que trabalhar. Pode-se perceber que o trabalho seria uma outra forma de controlar os retirantes na cidade.

Com o crescimento do número de retirantes na cidade e a intensificação das construções dos abarracamentos, percebe-se que alguns foram construídos pela necessidade de abrigar os trabalhadores das obras em locais mais próximos do seu trabalho.

As construções dessas obras serviam como uma forma precária para o sustento temporário dos retirantes e para mantê-los sob os olhares do governo. Mas, segundo Rodolfo Teófilo, é importante observar-se que esses trabalhos não foram disponibilizados para todos, permanecendo, assim, um grande número de retirantes dependentes do auxílio do Estado e outros sendo enviados, em condições precárias, para a Amazônia para trabalhar em seringais.

Segundo Frederico de Castro Neves, **“tudo parece fazer crer que a política de migração para o Norte foi uma estratégia governamental pra desafogar os equipamentos urbanos (...)”**.³

Algumas das obras públicas em que foi utilizada a mão de obra dos retirantes foram a construção da estrada de ferro de Baturité, o calçamento das ruas centrais da cidade e os abarracamentos onde eles ficavam.

IV - AS RELAÇÕES FAMILIARES E MORAIS DOS RETIRANTES DENTRO DOS ABARRACAMENTOS.

Quando se analisa, de uma forma geral, a vida do retirante no momento da seca de 1877-1880, perceber-se-á que ocorreram mudanças bruscas, tanto no seu modo de sobrevivência através do trabalho, como na sua estrutura familiar.

A família, estrutura importante para a conservação dos valores e costumes dos retirantes, sofre um grande abalo com o agravamento da seca. Obrigados a deixar suas casas na tentativa de sobreviver, procurando auxílio, principalmente, na capital. Os retirantes rompem a tradição, tentando sobreviver de novos valores e costumes impostos pela situação de miséria e indignância em que se encontram.

Em sua obra, Rodolfo Teófilo procura mostrar o abalo dessa estrutura familiar e o aumento dos “vícios” entre a população flagelada. Entre esses “vícios”, pode-se observar, principalmente, a prostituição e a criminalidade. Rodolfo faz uma crítica contundente aos **“seductores que infestavam a deshoras os abarracamentos prostituindo até crianças**

de dez anos” e os **“audazes rapineiros**” que **“penetravam às vezes no mais recondito aposento par furtar**”. Ele, então, observa a seca como a grande culpada na propagação desses “vícios”.

Deve-se também, perceber que a vida nos abarracamentos favoreceu, de certa forma, o desmembramento familiar, pois o que se observa é que, esses locais de aglomeração faziam com que os convívios familiares tradicionais se dissolvessem e os interesses individuais de sobrevivência fossem prioritários.

V - O PROCESSO DE HIGIENIZAÇÃO E AS EPIDEMIAS NOS ABARRACAMENTOS.

O governo, ao construir os abarracamentos, também tinha interesse na higienização da cidade de Fortaleza. Essa preocupação seguia os novos padrões de civilização vivenciados naquele momento. De certa forma, essa era uma tentativa de afastar as doenças da população local.

Mas Rodolfo Teófilo relata que não houve, de início, uma preocupação com a escolha dos locais em que seriam construídos os abarracamentos. Foram construídos em áreas a barlavento da cidade, ou seja, em locais em que o vento sopra do mar em direção da cidade; para ele essa seria uma das causas que propiciaram a disseminação das epidemias, principalmente a varíola.

As condições de moradia nos abarracamentos eram precárias. Não possuíam um bom saneamento, de modo geral, o que também favoreceu o alastramento das epidemias que foram mais intensas a partir do ano de 1878.

Uma das maiores epidemias que ocorreu foi a varíola, sobretudo a varíola hemorrágica que provocou o maior número de mortes. Segundo Rodolfo Teófilo, **“em dezembro de 1878, estavam acometidos pela doença cerca de 80.000 pessoas”**, e no dia 10 de dezembro de 1878, o cemitério do Lazareto da Lagoa Funda recebeu 1.004 cadáveres vítimas da varíola. Esse dia ficou conhecido como o “dia dos mil mortos”.

A varíola atingiu, com maior intensidade, a população pobre. O transporte dos mortos aos lazaretos e cemitérios era feito de modo indevido, pois, como relata Rodolfo Teófilo, os carregadores, no momento do transporte, estavam embriagados e, ao passarem pelas ruas, muitas vezes, deixavam os cadáveres contaminados caírem sobre as calçadas, propiciando, também, a disseminação da doença junto à população local.

Em vários momentos, foram criados vários locais com o objetivo de tentar higienizar e controlar a contaminação na cidade. Um desses locais foram os lazaretos. **“Um lazareto, pode-se dizer, é um lago de pus onde bóiam enfermos, moribundos e mortos! (...).”**⁴ A Lagoa Funda foi outro que serviu como um depósito das vítimas dessas doenças e como isolamento para que fossem tratados os doentes, procurando-se também, evitar a contaminação na cidade.

A cidade de Fortaleza não estava preparada para combater tal calamidade. Apesar de não poupar o governo provincial despesas e contratar médicos, não foi possível interromper a epidemia.

VI – CONCLUSÃO

A seca de 1877 foi bastante marcante para a população cearense, não somente por ter tido uma maior duração, mas por abalar a estrutura de poder e os padrões civilizatórios da elite local. A população pobre de retirantes, em sua maioria, havia sido atingida por uma alta mortalidade devido às epidemias e, principalmente, pela vida precária que tinham dentro dos abarracamentos.

Os abarracamentos, que serviram como uma tentativa de socorrer e amenizar algumas das necessidades imediatas dos retirantes, acabaram tendo outras funções, como a de controlar e disciplinar a população flagelada que se espalhava pela cidade.

Pode-se, assim, perceber que, de início, esses alojamentos foram sendo construídos sem a mínima preocupação com a higiene, localização e quantidade de famílias que estavam sendo abrigadas, ou seja, eram construídos sem a necessária organização em sua estrutura física. Isso ocasionaria graves conseqüências mais adiante; uma seriam as epidemias, que ganhariam bastante espaço nesses locais, causando um grave estado de calamidade em toda a cidade de Fortaleza.

O estudo dos abarracamentos é, então, de fundamental importância para a compreensão social, econômica e política da seca de 1877-1880 no Ceará e, também, para a percepção de como as relações sociais estavam ocorrendo nesse período.

VII - NOTAS

- (1) Segundo o alistamento do dia 10 de fevereiro de 1879, a população nos abarracamentos era de 80.036 de pessoas. Ver ofícios trocados entre os Presidentes de Províncias e os administradores dos abarracamentos (APEC - Arquivo Público do Ceará).
- (2) THEÓFILO, Rodolfo. História das secas do Ceará (1877-1880). p.100.
- (3) NEVES, Frederico de Castro. A Multidão e a História: saques e outras ações de massas no Ceará.p. 33.
- (4) THEÓFILO, Rodolfo. História das secas do Ceará (1877-1880). Op.Cit. p238

VIII -BIBLIOGRAFIA

- NEVES, Frederico de Castro. *A Multidão e a História: saques e Outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará,2000.
- PONTE, Sebastião R. *Fortaleza Belle Époque*.Fortaleza: FDR / Multigraf, 1993.
- Simone de Sousa; Frederico de Castro Neves (organizadores); Fortaleza: História e Cotidiano –Seca.Edições Demócrito Rocha, 2002.
- THEÓFILO, Rodolfo. *História das secas do Ceará (1877-1880)*. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.
- THEÓFILO, Rodolfo. *Varíola e vacinação no Ceará*. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.